

Relatório de Mercado Agrícola

CEASA/SC

Outubro/2017 - n. 11





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e Pesca
Moacir Sopelsa

Diretor Presidente da Ceasa/SC
Agostinho Pauli

Diretor Técnico da Ceasa/SC
Albanez Souza de Sá

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Ivan Luiz Zilli Bacic

Diretor de Administração e Finanças
Geovani Canola Teixeira

Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação
Luiz Antônio Palladini

Diretor de Extensão Rural e Pesqueira
Paulo Roberto Lisboa Arruda

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)
Reney Dorow



Relatório de mercado agrícola na Ceasa/SC



**Outubro
2017**

Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina (Ceasa/SC)
Rodovia BR 101, km 205, Barreiros CEP 88117-901 São José, SC, Brasil
Contato: (048) 3378-1700 Site: www.ceasasc.com.br/ E-mail: ceasa@ceasa.sc.gov.br

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, CEP 88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Contato: (48) 3665-5000 Site: www.epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi CEP 88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Contato: (48) 3665-5078 Site: www.cepa.epagri.sc.gov.br/ E-mail: cepa@epagri.sc.gov.br

Equipe Técnica

André Martins de Medeiros – Eng.-Agr. – Ceasa/SC
Diogo Campello da Pieva – Analista de TI – Ceasa/SC
Haroldo Tavares Elias – Eng.-Agr. – Dr. Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Eng.-Agr. – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Economista, Dr. Epagri/Cepa

Elaboração

Diogo Campello da Pieva – Analista de TI – Ceasa/SC
Haroldo Tavares Elias - Eng.-Agr. – Dr. Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Eng.-Agr. – Epagri/Cepa
Luana Aparecida Castilho Maro - Eng.-Agr., Dra. – Epagri/EEI
Rogério Goulart Junior – Economista, Dr. Epagri/Cepa

Colaboração

Jane Aparecida Máximo de Souza – Gerente de Informações, Estatística e Análise - Ceasa/SC
Sue Lana Seefeld Ferreira – Orientadora de Mercado - Ceasa/SC
Mauricio Euclides Mafra – Orientador de Mercado - Ceasa/SC
Edmilson da Costa – Gerente de Abastecimento – Ceasa/SC

Revisão

Janice Maria Waintuch Reiter – Economista, Ms. - Epagri/Cepa
Juarez Segalin
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Este documento é resultado da parceria entre a Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S.A. (Ceasa/SC – Unidade de São José) e o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa).

Sumário

Introdução	8
Desempenho da comercialização	9
Desempenho financeiro	12
Banana	13
Batata-inglesa	16
Cebola.....	19
Maçã	23
Tomate longa vida	26
Produto em destaque – Tangerina*	28

Relatório Mensal

Apresentação

Este documento é resultado da parceria entre as Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S.A. (Ceasa/SC - Unidade de São José) e o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). O documento reúne dados mensais referentes ao volume movimentado, preços médios e origem dos produtos hortifrutigranjeiros comercializados, organizados pela Ceasa/SC e analisados pelo Epagri/Cepa.

Os objetivos principais desta publicação são: (a) apresentar informações conjunturais referentes à evolução dos dados mensais de cinco produtos representativos em volume e à importância econômica dos produtos comercializados no entreposto; (b) alternar a apresentação de informações de outros produtos, com análise do comportamento do mercado atacadista na Ceasa/SC¹, e (c) possibilitar informações sobre mercado de hortifrutigranjeiros aos agricultores e técnicos envolvidos no processo de produção e comercialização.

O **Relatório de Mercado Agrícola na Ceasa/SC** pretende fornecer subsídios à tomada de decisões de instituições públicas e privadas da agricultura, de instituições representativas de classe e de produtores e distribuidores envolvidos na comercialização de hortifrutigranjeiros em mercados atacadistas.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Ceasa/SC <<http://www.ceasasc.com.br/>> e do Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>, onde podem ser resgatadas também as edições anteriores.

¹ Ceasa/SC - Unidade de São José – A sigla Ceasa/SC, sem maiores especificações, compreenderá a Unidade de São José/SC.

Introdução

As informações contidas neste documento referem-se ao desempenho das operações do mercado de hortifrutigranjeiros e de outros produtos alimentícios e não alimentícios comercializados no atacado na Ceasa/SC durante o mês de setembro de 2017. O resultado é comparado ao do mesmo período de 2016.

Entre as variáveis consideradas na análise conjuntural, destacam-se: o preço médio ponderado pago por quilo de produto e o volume de hortifrutigranjeiros, além de outros produtos alimentícios e não alimentícios comercializados no entreposto.

A análise conjuntural é realizada por grupo de produtos, divididos da seguinte forma:

- hortaliças de folha, flor, haste e fruto;
- hortaliças de raiz, bulbo, tubérculo e rizoma;
- frutas nacionais e importadas;
- aves e ovos;
- atípicos alimentícios e não alimentícios

Neste Relatório de Mercado Agrícola, a análise conjuntural contemplará o desempenho dos seguintes produtos hortifrutigranjeiros: **banana, batata-inglesa, cebola, maçã, tomate e tangerina**, relativamente a valor financeiro, volume comercializado e origem.

Estes produtos têm destaque na economia catarinense, com valor relevante nas mesorregiões Grande Florianópolis, Sul Catarinense e Serrana, das quais se origina grande parte da produção dos hortifrutigranjeiros comercializados na Ceasa/SC.

Desempenho da comercialização

No mês de setembro de 2017, o volume de hortifrutigranjeiros, de outros produtos alimentícios e não alimentícios comercializados no atacado na Ceasa/SC foi de 27.815,29 toneladas; em relação ao mês anterior, houve aumento de 1,94% na oferta destes produtos.

A participação do estado no mês em estudo foi 1,44% superior à do mês de agosto. O volume comercializado, de 9.310,17 toneladas, correspondeu a 33,47% do total comercializado no atacado, no qual se movimentou um valor de aproximadamente R\$ 15.270.666,73 nas operações comerciais.

O volume total de hortifrutigranjeiros e de outros produtos alimentícios e não alimentícios, comercializados no mês de agosto, foi 6,36% inferior ao do mesmo mês de 2016.

Tabela 1 – Evolução mensal de produtos comercializados no atacado – Ceasa/SC – Jun./Set. 2017

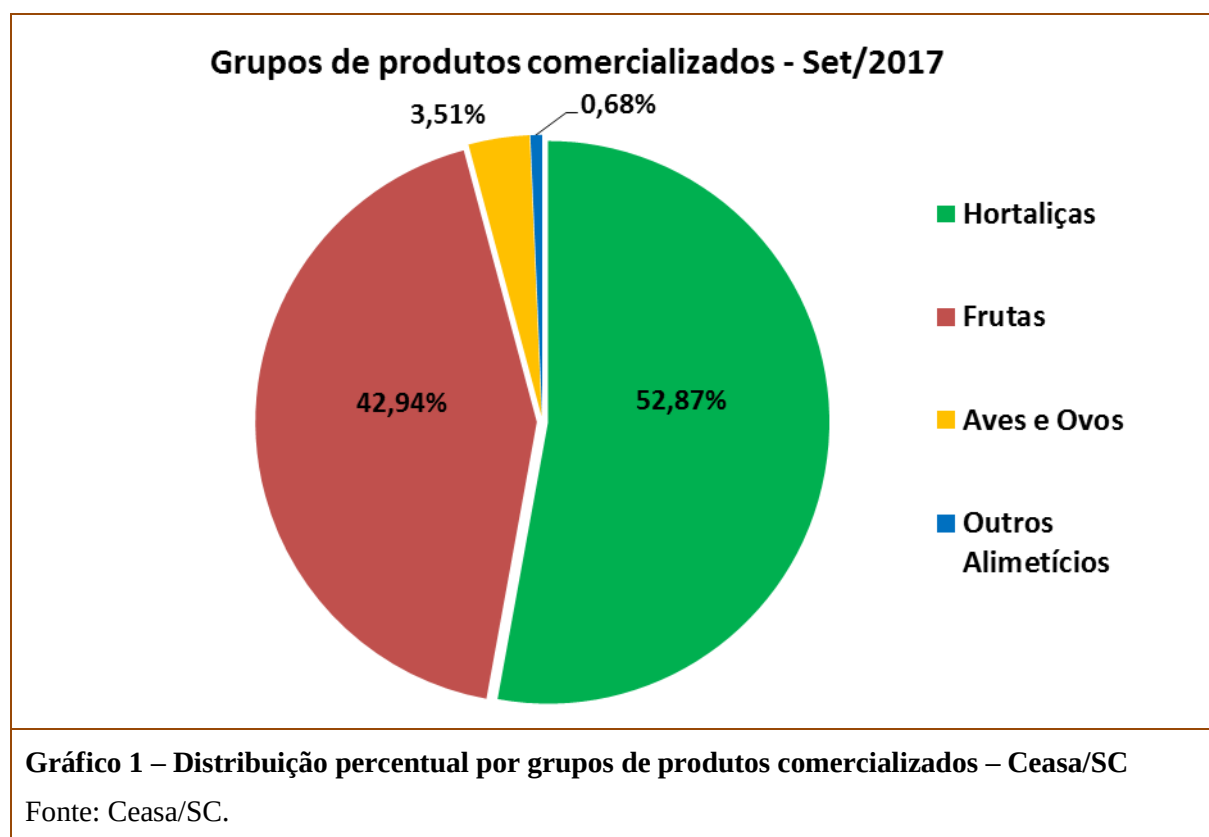
Grupo de Produtos	Quantidade (Kg) - 2017		Variação % Set./Ago.	Valor (R\$) - 2017		Variação % Set./Ago.
	Vol. total ago.	Vol. total set.		Valor total ago.	Valor. total set.	
Hortaliças	15.001.995,42	14.706.159,64	-1,97	21.945.293,97	20.046.586,42	-8,65
Folha, flor, e haste	1.636.322,08	1.822.897,39	11,40	2.252.807,24	1.718.379,46	-23,72
Fruto	5.652.571,72	5.438.895,98	-3,78	9.586.217,30	9.938.049,83	3,67
Raiz, bulbo, tub., rizoma	7.518.304,09	7.371.144,66	-1,96	8.601.795,86	7.534.513,24	-12,41
Importadas	194.797,53	73.221,61	-62,41	1.504.473,56	855.643,88	-43,13
Frutas	11.382.821,14	11.944.529,76	4,93	22.982.206,27	26.229.175,96	14,13
Nacionais	10.880.420,23	11.435.144,89	5,10	21.064.250,43	23.939.915,63	13,65
Importadas	502.400,91	509.384,86	1,39	1.917.955,84	2.289.260,33	19,36
Aves e ovos	811.319,52	976.205,06	20,32	3.625.500,03	3.972.314,70	9,57
Atípicos alimentícios	89.020,64	187.875,94	111,05	249.941,25	646.840,93	158,80
Atípicos não alimentícios	631,39	524,07	-17,00	1.597,29	912,53	-42,87
Total geral	27.285.788,11	27.815.294,46	1,94	48.804.538,81	50.895.830,54	4,29

Fonte: Ceasa/SC.

Tabela 2 – Comparativo de comercialização de produtos no mês de julho de 2017 com os do ano anterior, no atacado Ceasa/SC – Set. 2016 e 2017

Grupo de Produtos	Quantidade (Kg) - Setembro		Variação % 2017/2016	Valor (R\$) - Setembro		Variação % 2017/2016
	Vol. total 2016	Vol. total 2017		Valor total 2016	Valor. total 2017	
Hortaliças	17.162.518,99	14.706.159,64	-14,31	28.248.463,82	20.046.586,42	-29,03
Folha, flor e haste	2.604.928,04	1.822.897,39	-30,02	1.980.041,31	1.718.379,46	-13,21
Fruto	6.542.873,03	5.438.895,98	-16,87	13.842.036,48	9.938.049,83	-28,20
Raiz, bulbo, tub., rizoma	7.958.934,97	7.371.144,66	-7,39	11.628.153,54	7.534.513,24	-35,20
Importadas	55.782,95	73.221,61	31,26	798.232,49	855.643,88	7,19
Frutas	11.822.992,99	11.944.529,76	1,03	26.936.012,13	26.229.175,96	-2,62
Nacionais	11.065.418,12	11.435.144,89	3,34	23.590.240,64	23.939.915,63	1,48
Importadas	757.574,87	509.384,86	-32,76	3.345.771,49	2.289.260,33	-31,58
Aves e ovos	482.211,02	976.205,06	102,44	1.877.904,83	3.972.314,70	111,53
Atípicos alimentícios	235.785,79	187.875,94	-20,32	926.139,18	646.840,93	-30,16
Atípicos não alimentícios	85,91	524,07	510,02	484,55	912,53	88,32
Total geral	29.703.594,70	27.815.294,46	-6,36	57.989.004,51	50.895.830,54	-12,23

Fonte: Ceasa/SC.



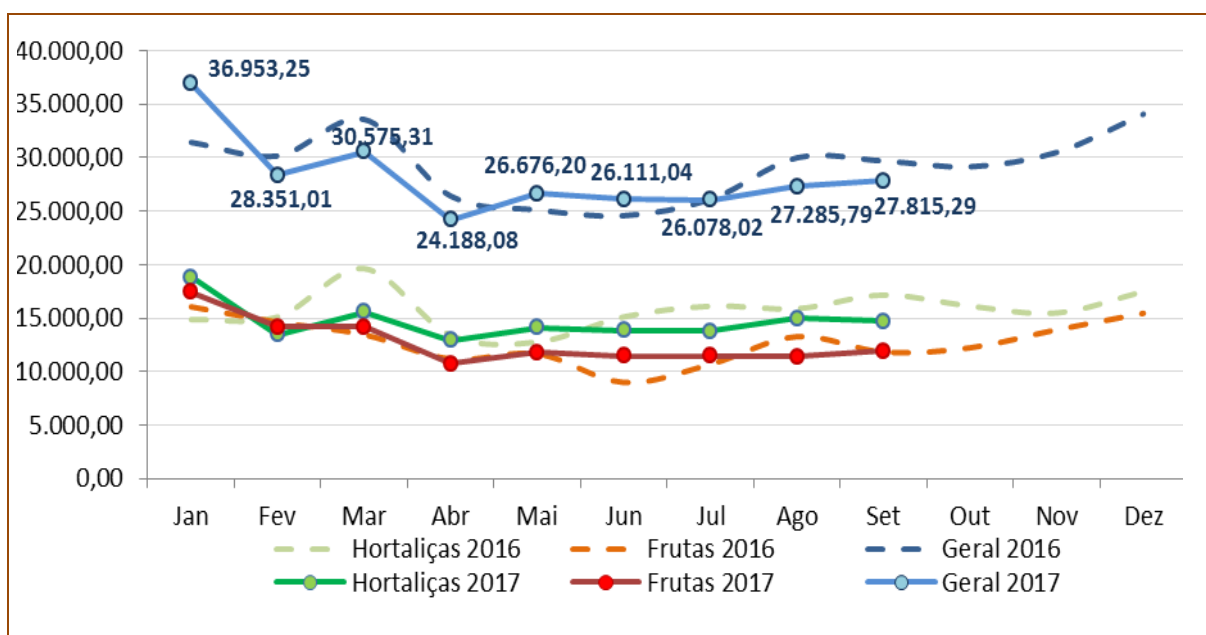


Gráfico 2 – Evolução mensal do volume (t) de produtos comercializados – Ceasa/SC – 2016 e jan./set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Desempenho financeiro

No mês de setembro de 2017, o preço médio ponderado, pago por quilo de produto na Ceasa/SC, foi de R\$ 1,83. Houve um aumento de 2,30% no preço em relação ao do mês anterior. O movimento financeiro foi de aproximadamente R\$ 50.895.830,54 nas operações comerciais. Este valor foi 4,29% superior ao do mês de agosto de 2017. O desempenho financeiro neste mês foi 12,23% inferior ao do mesmo período de 2016.

Tabela 3 – Oferta, valor da comercialização e preço médio ponderado dos produtos ofertados no atacado – Ceasa/SC – Set. 2017

Grupo de produtos	Oferta		Valor		Preço médio
	Kg	Participação (%)	(R\$ 1,00)	Participação (%)	R\$/Kg
Hortaliças	14.706.159,64	52,87	20.046.586,42	39,39	1,36
Folha, flor e haste	1.822.897,39	6,55	1.718.379,46	3,38	0,94
Fruto	5.438.895,98	19,55	9.938.049,83	19,53	1,83
Raiz, bulbo, tub., rizoma	7.371.144,66	26,50	7.534.513,24	14,80	1,02
Importadas	73.221,61	0,26	855.643,88	1,68	11,69
Frutas	11.944.529,76	42,94	26.229.175,96	51,54	2,20
Nacionais	11.435.144,89	41,11	23.939.915,63	47,04	2,09
Importadas	509.384,86	1,83	2.289.260,33	4,50	4,49
Aves e ovos	976.205,06	3,51	3.972.314,70	7,80	4,07
Atípicos alimentícios	187.875,94	0,68	646.840,93	1,27	3,44
Atípicos não alimentícios	524,07	0,002	912,53	0,002	1,74
Total mensal	27.815.294,46	100,00	50.895.830,54	100,00	1,83

Fonte: Ceasa/SC.

Banana



O volume de banana comercializado no mês de setembro de 2017, na Ceasa/SC, foi de 757,9 toneladas. Esta quantidade representou um valor negociado de R\$ 1,17 milhão, com redução de 38,7% no valor relativo ao do mesmo mês do ano anterior. O preço médio da banana foi de R\$ 1,54/kg, sendo, em média, de R\$ 1,36 para a banana-caturra e de R\$ 1,93 para a banana-prata (Gráf. 3 e 4).

Entre agosto e setembro de 2017, no entreposto catarinense, o preço da banana-caturra comercializada segue tendência de retração, com valorização de 2,9%; o da banana-prata, desvalorização de 10,5% em sua cotação. O preço médio da fruta está 6,7% menor que no mês anterior, mas com recuperação na quantidade. Entretanto, o preço médio está 35,8% desvalorizado em comparação ao do mês de agosto de 2016, com baixa oferta relativa da fruta no mercado.

Conforme o LSPA/IBGE (2017), a estimativa para a produção nacional de banana para o ano de 2017 é de 7,1 milhões de toneladas, com aumento de 5,1% em relação a 2016. A produção catarinense está estimada em 720 mil toneladas, com redução de 0,2% no volume de 2016. Com rendimento estimado em 24,4 mil quilos por hectare, a expectativa é de aumento de 0,3% na produtividade média em 2016.

No mês de setembro, a quantidade comercializada está 4,5% menor com relação ao mesmo mês do ano anterior. Na participação mensal catarinense, referente ao volume total, houve aumento de 1,7% em setembro, ou seja, 506 toneladas, negociadas a R\$ 1,03 milhão. Nos principais municípios, 21,5% do volume total veio de Jacinto Machado; 11,2%, de Luiz Alves, municípios que, juntos, somam mais de 378 toneladas, que geraram cerca de R\$ 378,5 mil da fruta comercializada na central de abastecimento.

No entreposto, na oferta total da fruta houve redução de 6,5% em comparação ao volume comercializado no mês anterior. A fruta paulista reduziu em 23,6% sua participação, passando de 266 toneladas, em julho, para 226 toneladas, em agosto (Gráf. 5).

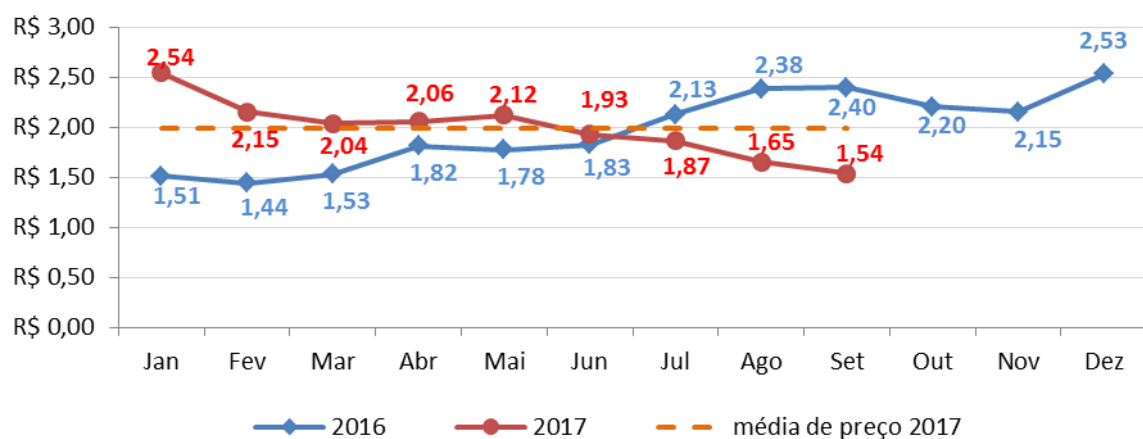


Gráfico 3 – Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo da banana comercializada na Ceasa/SC – 2016 e jan./set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

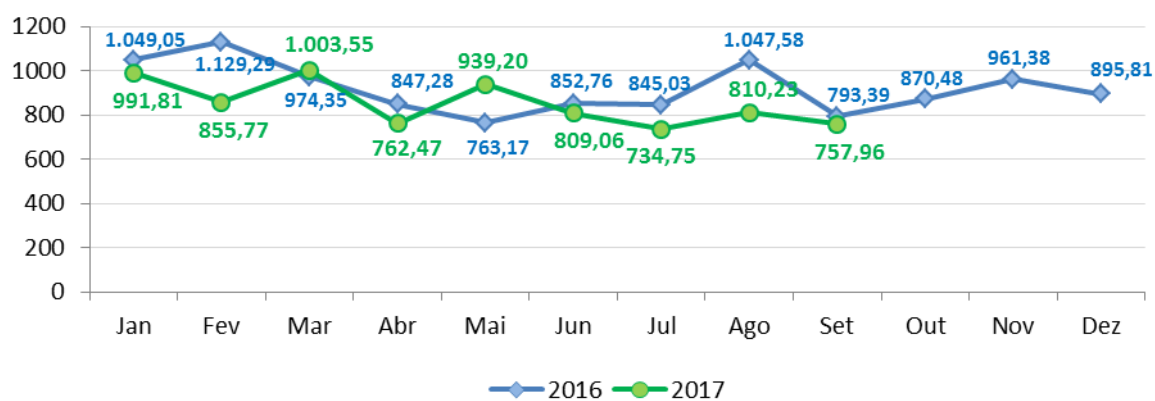
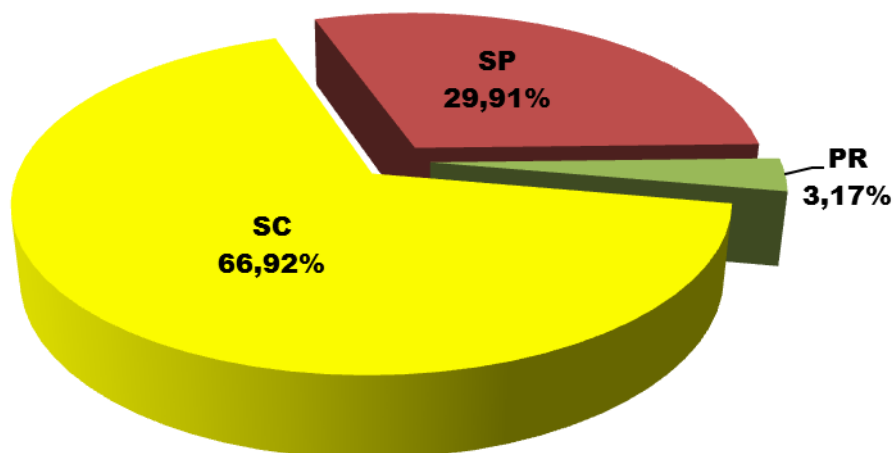


Gráfico 4 – Evolução mensal do volume (t) comercializado da banana na Ceasa/SC – 2016 e jan./set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Representação de origem do volume de Set/2017



Representação de origem do volume acumulado em 2017

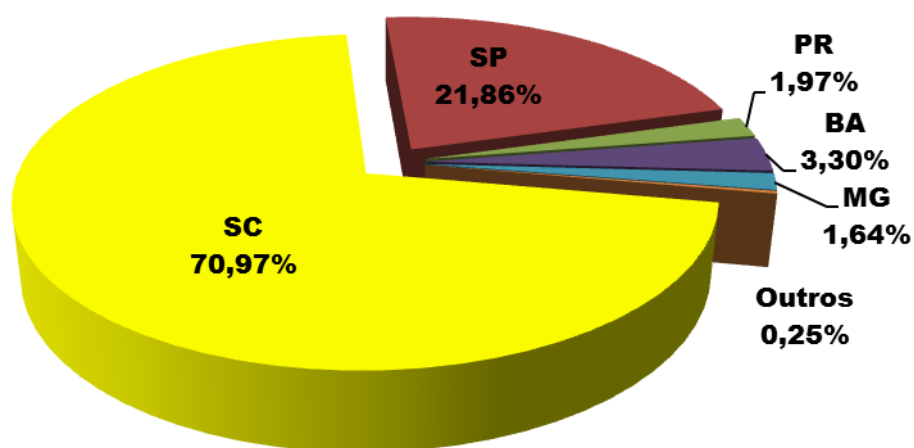


Gráfico 5 – Distribuição percentual da origem da banana comercializada na Ceasa/SC em setembro de 2017 e acumulado no ano

Fonte: Ceasa/SC.

Batata-inglesa

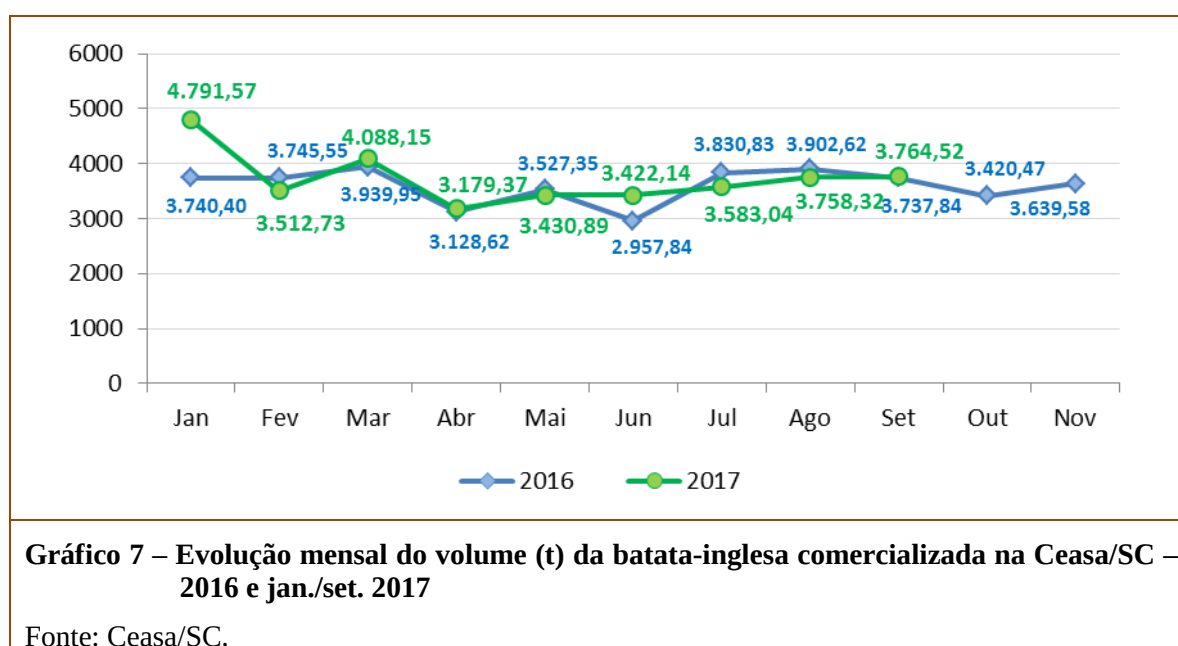
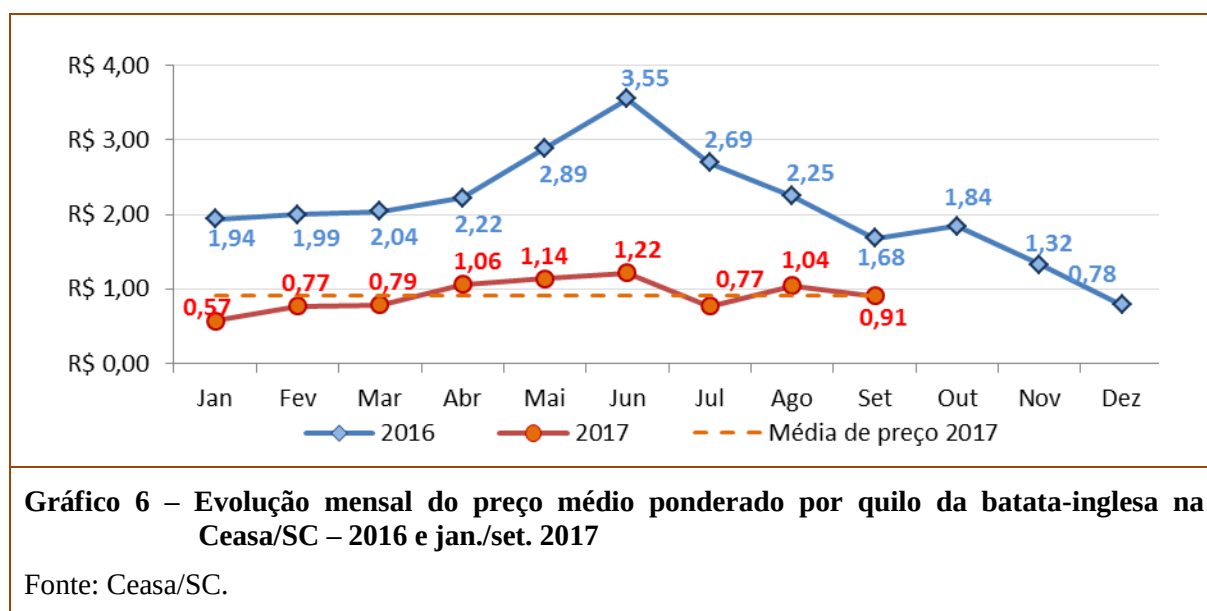


O volume de batata-inglesa comercializado no atacado pela Ceasa/SC no mês de setembro de 2017 foi de 3.764 toneladas, valor semelhante ao do mês anterior e ao de setembro de 2016. O volume comercializado apresenta estabilização e comportamento semelhantes aos do ano 2016. A movimentação no mês em análise resultou em R\$ 3.425.240,00.

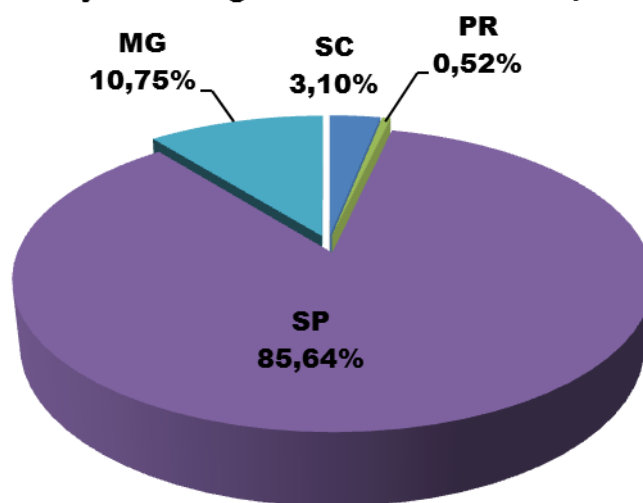
Avaliando o conjunto dos meses desde o início de 2017, até junho registrava-se uma recuperação gradual nos preços; entretanto, em julho, recuaram para R\$ 0,77/kg; em agosto, o preço médio registrado foi de R\$ 1,04/kg; em setembro, voltou a recuar para R\$ 0,91/kg, valor em torno da média dos preços deste ano. A evolução dos preços, no entanto, encontra-se em um patamar bem inferior ao registrado em 2016, chegando, em alguns meses, à metade do valor do ano anterior (Gráf. 6). Neste ano, porém, os preços, embora inferiores, não repercutiram no aumento do consumo, o que reflete a grande oferta e a boa produtividade na safra 2016/2017 nas principais regiões produtoras (SP, PR e RS). Segundo o IBGE² - com base no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – set. 2017 -, a produção neste ano deverá ter um aumento de 6,7% e 7,6 % na 1ª e 2ª safra, respectivamente. Na 3ª safra, a previsão de aumento da produção é de mais de 15%, se comparada com a do ano anterior. Além disto, em vários itens de consumo está ocorrendo retração em função da situação econômica nacional.

Em setembro, 85% do tubérculo comercializado na Ceasa teve origem no estado de São Paulo – Casa Branca, Vargem Grande do Sul -, o que manteve uma grande oferta do produto em função da boa produtividade registrada na safra de inverno naquelas regiões. A safra, nessas mesmas regiões, está chegando ao fim, o que poderá fazer com que os preços reajam nos próximos 30 dias (Hf/Cepea/USP. No entanto, verificando o fornecimento de batata ao longo do ano nesta central, o estado vizinho - Rio Grande do Sul - responde por aproximadamente 45% do volume comercializado (Gráf. 8).

² <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/brasil>



Representação de origem do volume de Set/2017



Representação de origem do volume acumulado em 2017

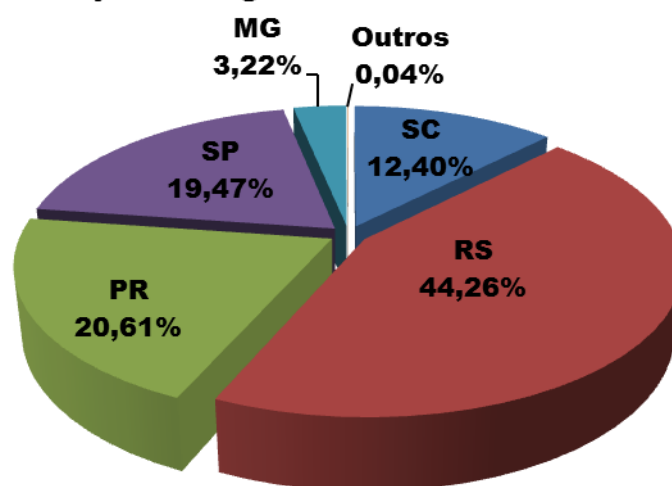


Gráfico 8 – Distribuição percentual da origem da batata-inglesa na Ceasa/SC, em setembro e acumulado até set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Cebola



O volume de cebola comercializado no mês de setembro de 2017, no atacado da Ceasa/SC, foi de 1.070,29 toneladas, quantidade 19,65% inferior à do mês anterior, quando 1.1.332,17 toneladas foram comercializadas. O valor desse volume foi de R\$ 1.123.804,50, com preço médio de R\$ 1,05/kg, uma queda de 21,89% em relação ao do mês passado, quando o preço de venda foi de R\$ 1,08/kg (Gráficos 9 e 10).

A cebola é uma hortaliça que se destaca entre os produtos de maior volume comercializado na Ceasa/SC. Com o final da comercialização da safra catarinense 2016/2017, a participação da produção estadual tem tido redução e representou, no mês de setembro, 45,79 % do total comercializado na central, contra 40,79% no mês de agosto/17, significando um aumento de 10,91% em relação ao período considerado. Esta situação é considerada normal, por ser propiciada pelo período de entressafra da produção catarinense.

Em relação aos preços de atacado (Gráf. 9), de janeiro a junho deste ano os preços comportaram-se bem abaixo dos do mesmo período do ano passado, reflexo da grande oferta ocasionada pela supersafra de cebola em Santa Catarina e no Brasil, onde todas as regiões tradicionais tiveram excelentes safras em produção e qualidade.

A partir do mês de julho/17, os preços reagiram de forma positiva, atingindo, no atacado, o valor de R\$ 1,62/kg, atingindo um patamar superior ao do mesmo mês de 2016. Nos meses de agosto e setembro, porém, houve redução para R\$ 1,08 /kg e R\$ 1,05/kg, respectivamente. Apesar de se tratar de importante redução em relação ao mês de julho, os preços ainda se mantêm acima dos preços do mesmo período de 2016 (trimestre).

Analisando a evolução do volume comercializado no ano de 2016 e nos primeiros nove meses de 2017, constata-se uma redução importante no volume de cebola vendido na unidade da Ceasa/SC. Conforme se pode ver pela evolução do volume comercializado, a queda, em relação ao mesmo período do ano passado, é de 2.186,56 toneladas (Gráf. 10), eventualmente associada à redução do poder aquisitivo dos consumidores. Outra hipótese é que a dinâmica de comercialização da cebola possa estar sofrendo alguma influência da estratégia das grandes redes supermercadistas da região, com compras diretas de produtores e atacadistas nas regiões de origem da produção. Pode igualmente estar influenciando nessa dinâmica de menor comercialização da cebola o horário de funcionamento da unidade, questão a ser analisada nos próximos meses.

A unidade da Ceasa/SC tem papel importante na viabilização do escoamento da produção catarinense da cebola, além de contribuir decisivamente no abastecimento do mercado de hortifrutis do litoral catarinense.

Conforme os dados (Gráf. 11) de janeiro a setembro de 2017, mais de 77,30% da cebola comercializada na unidade teve sua origem em nosso estado. Portanto, mesmo com uma relativa redução no volume em relação ao do ano passado, a unidade da Ceasa/SC constitui uma estrutura de logística e centro de comercialização importante no apoio ao acesso ao mercado da produção de Santa Catarina.

A produção catarinense comercializada na Ceasa/SC, no mês de setembro 2017, teve origem em 13 municípios do estado, destacando-se, dentre eles, Alfredo Wagner, Rancho Queimado, Ituporanga e Anitápolis, os quais, juntos, contribuíram com mais de 86% do volume comercializado no mês de setembro/17 (Tabela 4).

Tabela 4 – Municípios de origem da cebola catarinense comercializada na Ceasa/SC – USJ – Set./17

Município	Volume (kg)	%
Alfredo Wagner	257.940,00	52,64
Rancho Queimado	84.400,00	17,22
Ituporanga	54.000,00	11,01
Anitápolis	27.720,00	5,66
Demais	66.007,40	13,47
Total	490.067,40	100,00

Fonte: Ceasa/SC.

A participação quantitativa deste e de outros estados da Federação no abastecimento da cebola comercializada na Ceasa/SC, em volume e valor econômico, no período de janeiro a setembro de 2017, pode ser vista na tabela 5, e apresenta os seguintes montantes: 12.056,2 toneladas comercializadas e um valor total de R\$ 13,744,7 milhões. Desse montante, Santa Catarina participou com 9.320 toneladas (77,30%), e um correspondente valor de R\$ 10,274 milhões.

Tabela 5 – Volume e origem da cebola comercializada na Unidade da Ceasa/SC – Jan./Set. 2017

Vol./Val.	SC	BA	MG	SP	PE	PR	RS	GO	Total
Ton	9.320	354,7	640,6	1.035,3	32,0	39,54	24,0	610,2	12.056,2
R\$ (mil)	10.274	483,9	800,8	1.289,2	36,8	52,71	28,0	778,3	13.744,7

Fonte: Ceasa/SC.

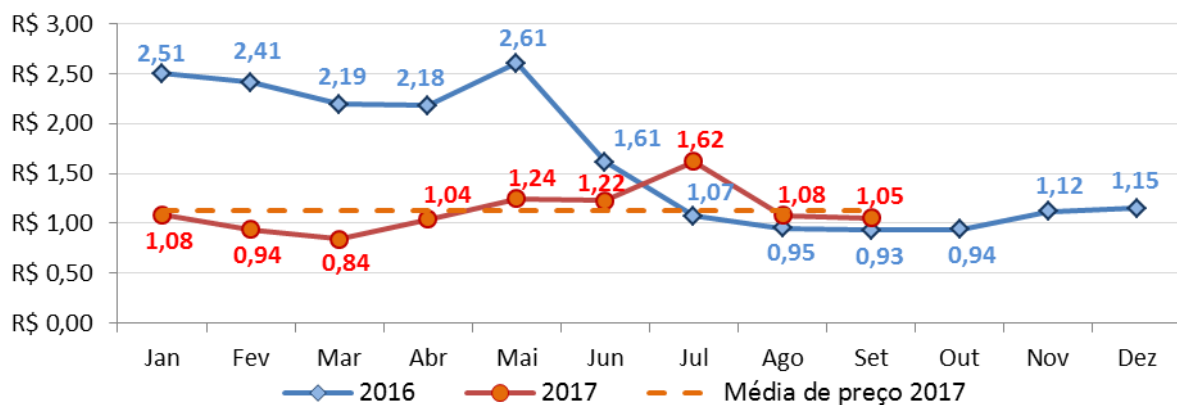


Gráfico 9 – Evolução do preço de atacado na Ceasa/SC - (R\$/kg)

Fonte: Ceasa/SC

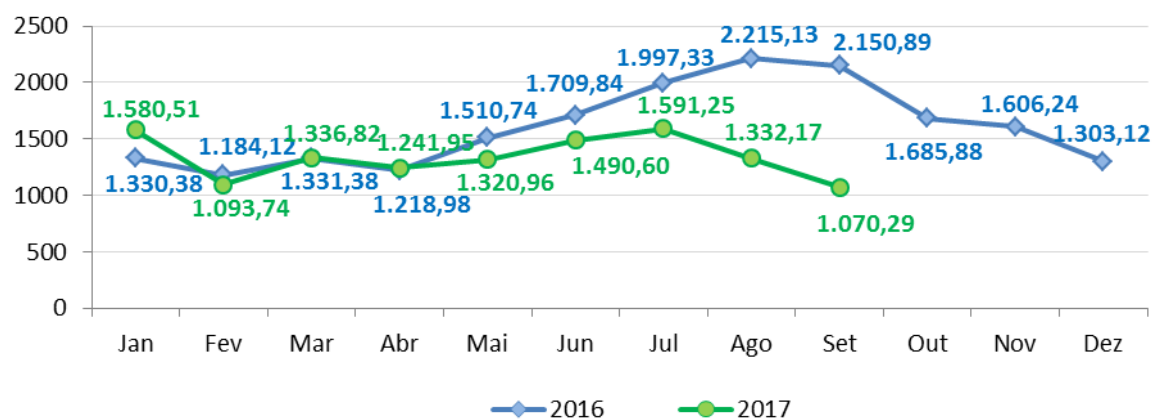
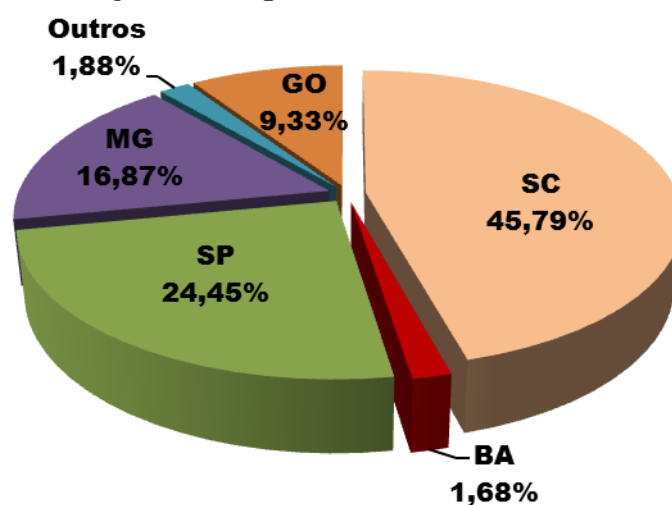


Gráfico 10 – Representação do montante comercializado de jan./set. 2017 (t) – Ceasa/SC

Fonte: Ceasa/SC

Representação de origem do volume de Set/2017



Representação de origem do volume acumulado em 2017

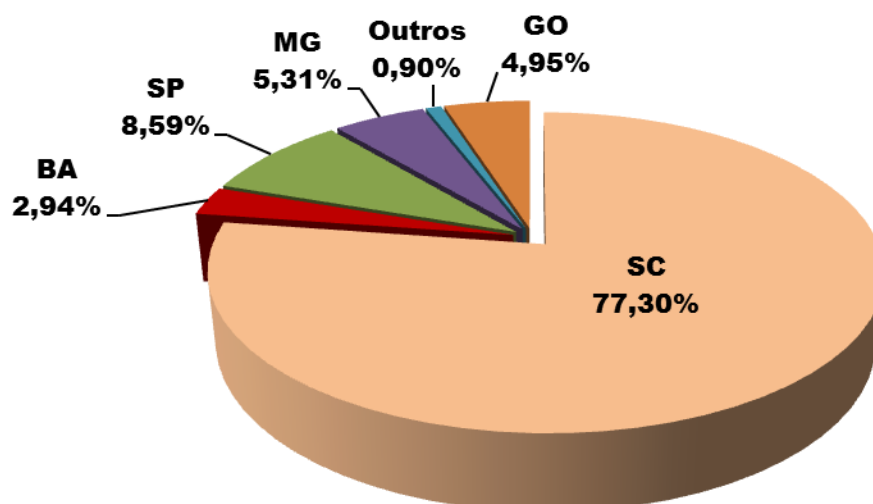


Gráfico 11 – Distribuição percentual da origem da cebola na Ceasa/SC em setembro, e acumulado até set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Maçã



O volume de maçã comercializado no mês de setembro de 2017 no atacado da Ceasa/SC foi de 1.257 toneladas, quantidade 8,1% menor que a do mesmo mês em 2016, representando um valor negociado de R\$ 2,62 milhões, com redução de 24,6% nos valores comercializados no ano anterior. O preço médio da maçã Fuji foi de R\$ 38,86 a caixa de 18 quilos; e de R\$ 43,92 a caixa de 18 quilos de maçã Gala (Gráf. 12 e 13).

No entreposto, a média simples dos preços das maçãs Fuji e gala segue a tendência, com valorização de 4,2% em relação à cotação de agosto de 2017. A maçã Fuji apresentou recuperação com crescimento médio de 8,0% nas cotações, enquanto a maçã Gala manteve as cotações do mês anterior. Para o mês de setembro, o preço médio da maçã no atacado está 18,0% menor que no mesmo mês de 2016.

Nas principais regiões produtoras brasileiras, houve manutenção da oferta da fruta, com início de recuperação nos preços embalada pela comercialização das frutas em atmosfera controlada (AC). Segundo a Epagri/Cepa (2017)³, em São Joaquim, o preço da maçã Fuji, que vinha de uma redução entre julho e agosto, recupera-se com valorização entre agosto e setembro. Em Fraiburgo, entre agosto e setembro, houve redução na cotação da maçã Fuji e valorização na maçã Gala, devido à diminuição na oferta da maçã Gala e ao aumento da demanda de frutas de menor calibre (Cat.3). Em Vacaria, ambas as cultivares estão com as cotações valorizadas entre agosto e setembro, devido à alternância na classificação entre as maçãs Gala e Fuji e ao escoamento escalonado, adotado para fins de controle da oferta relativa no mercado.

Em setembro de 2017, a quantidade negociada da fruta de origem catarinense foi 9,2% maior que a do mês anterior, com 974,6 toneladas, gerando um valor maior que R\$ 2,1 milhões. Desse volume, de São Joaquim proveem 61,7%; 15,6%, de Videira; 6,3%, de Pinheiro Preto, e 5,4%, de Fraiburgo. Juntos, os municípios representaram mais de R\$ 1,57 milhão (97,9%) do valor negociado no mês.

O volume total mensal comercializado na Ceasa/SC foi 0,3% menor que no mês anterior. A maçã oriunda do Rio Grande do Sul foi responsável por 201,5 toneladas da fruta comercializada no entreposto, gerando cerca de R\$ 389 mil (Gráf. 14).

³ Epagri/Cepa - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. “Maçã”. Boletim Agropecuário, Florianópolis: Epagri/Cepa, n. 53, out. 2017. <http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/Boletim_agropecuário/boletim_agropecuário_n53.pdf>

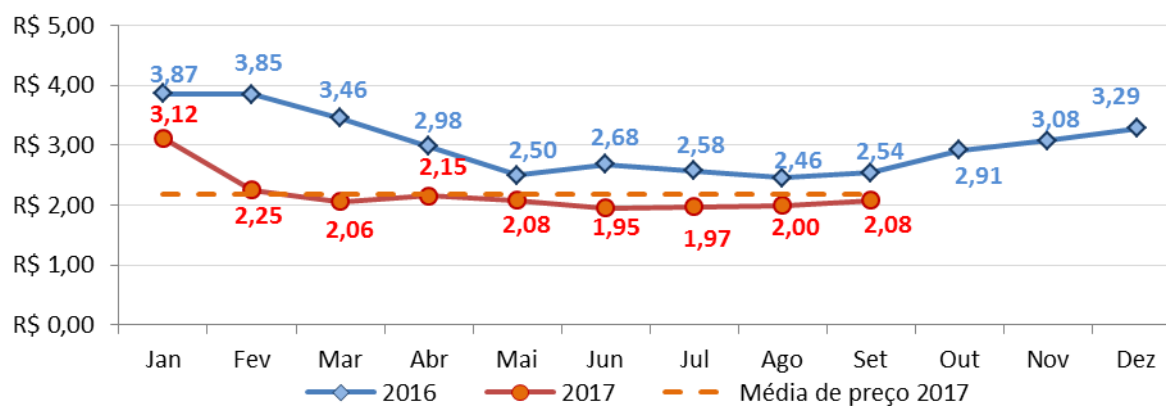


Gráfico 12 – Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo de maçã na Ceasa/SC – 2016 e jan./set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

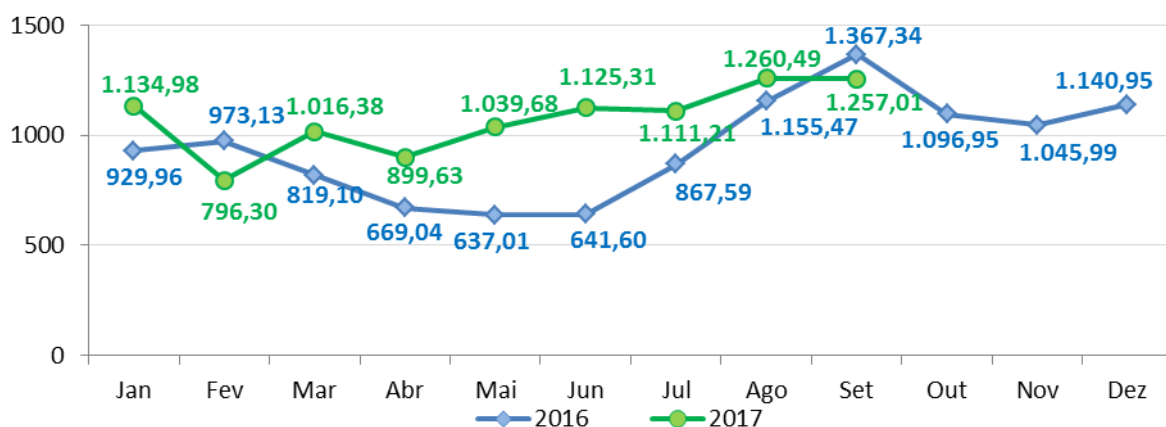
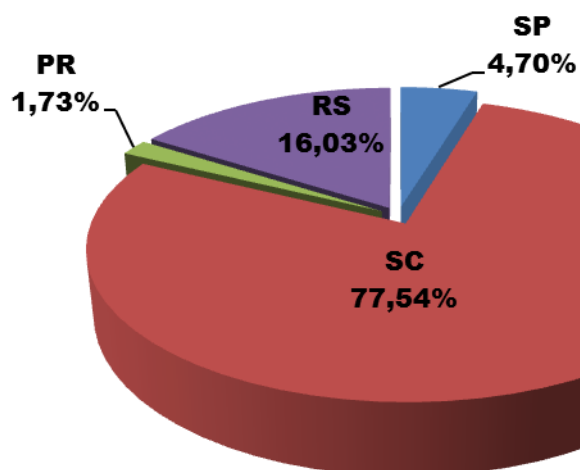


Gráfico 13 – Evolução mensal do volume(t) de maçã comercializado na Ceasa/SC – 2016 e jan./set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Representação de origem do volume de Set/2017



Representação de origem do volume acumulado em 2017

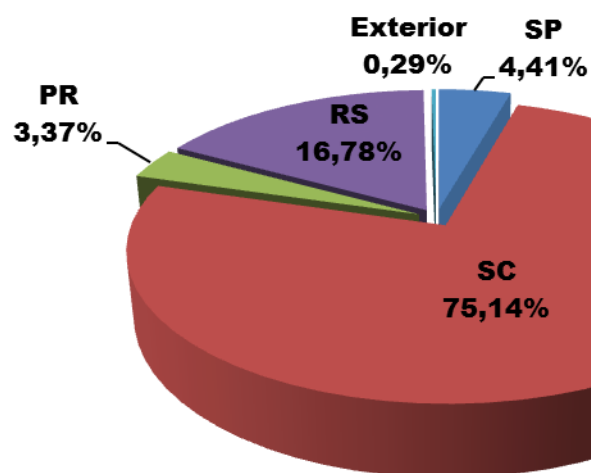


Gráfico 14 – Distribuição percentual da origem da maçã comercializada na Ceasa/SC em setembro de 2017 e acumulado no ano

Fonte: Ceasa/SC.

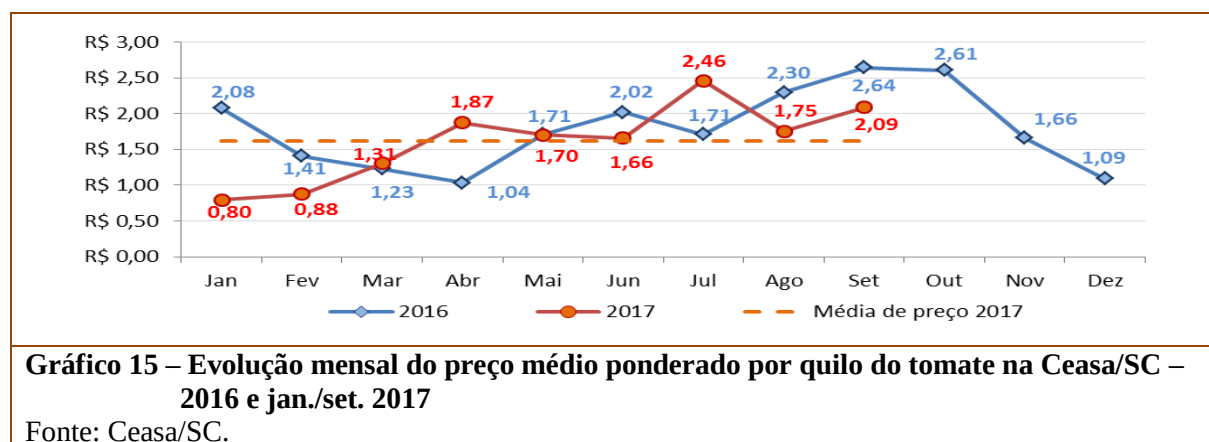
Tomate longa vida



O volume de tomate comercializado no atacado da Ceasa/SC, no mês de setembro de 2017, foi de 2.972 toneladas, significando 8,4% a menos que no mês correspondente de 2016. Este comportamento está acontecendo desde março, com volumes menores comercializados nesta central em relação aos de 2016, representando, no mês, um valor de R\$ 6.211.480,00, a um preço de R\$ 2,09/kg (Gráf. 15 e 16).

A variação dos preços do tomate tem apresentado uma grande oscilação desde junho, quando o preço de R\$ 1,66/kg passou para R\$ 2,46/kg em julho, recuando novamente para os patamares dos meses anteriores - R\$ 1,75/kg. Em setembro, os preços retornaram a um patamar superior a R\$ 2,00/kg. Esta grande oscilação pode ser explicada pela expectativa de maior safra no ano. O IBGE estima aumento de 5,4% em âmbito nacional em relação ao ano anterior, conjugado ao período de maior oferta em alguns períodos, por influência do aumento da temperatura em algumas semanas nas regiões produtoras de São Paulo, razão da maturação mais acelerada. Por outro lado, em setembro, o volume ofertado esteve controlado, o que já se esperava para o mês e início de outubro, devido à menor intensidade de colheita da primeira parte da safra de inverno (HF- Cepea/USP⁴).

Do produto comercializado nesta central no período (agosto), somente 25% teve origem no estado. Por outro lado, a participação de outros estados eleva-se consideravelmente; somente de São Paulo veem 56% do produto no mês de setembro. Isto nos informa que, em alguns períodos, há espaço no mercado para o produto catarinense; no entanto, o sistema de plantio deve ser adaptado às condições de inverno.



⁴<http://www.hfbrasil.org.br/br/precos-do-tomate-comecam-a-dar-sinais-de-aumento.aspx>

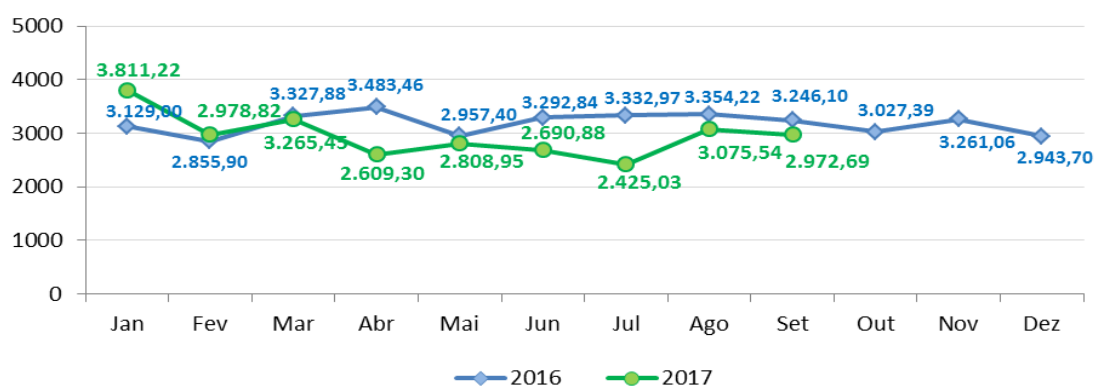
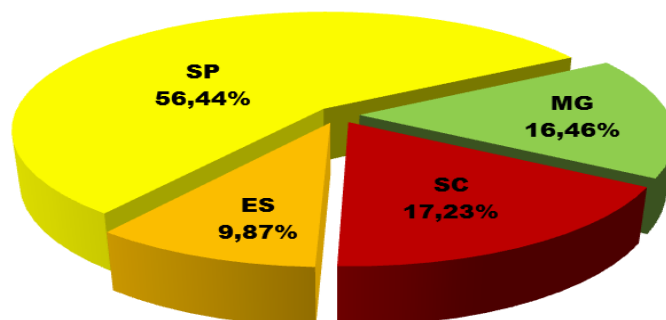


Gráfico 16 – Evolução mensal do volume (t) do tomate comercializado na Ceasa/SC – 2016 e jan./set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

Representação de origem do volume de Set/2017



Representação de origem do volume acumulado em 2017

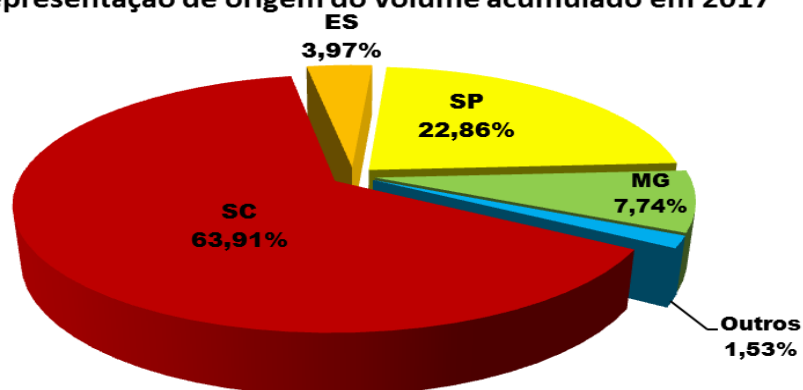


Gráfico 17 – Origem do volume ofertado do tomate comercializado no atacado na Ceasa/SC em set. 2017 e acumulado até setembro 2017

Fonte: Ceasa/SC.



Produto em destaque – Tangerina*

O termo citros engloba uma ampla gama de espécies dos gêneros *Citrus*, *Poncirus* e *Fortunella* (SWINGLE & REECE, 1967⁵). No gênero *Citrus*, encontra-se a maior diversidade de espécies, que se agrupam, didaticamente, em laranjas doces, laranja azeda, tangerinas, limas, limões verdadeiros, limas ácidas, limas doces, cidras, pomelos e toranjas.

Embora se verifique grande diversidade de espécies no termo citros, o grupo das laranjas doces apresenta a maior expressividade em plantios comerciais, seguido pelo grupo das tangerinas, limões e limas ácidas. No Brasil, a expressividade das laranjas doces se explica pela posição ocupada pelo País na produção de frutas desse grupo.

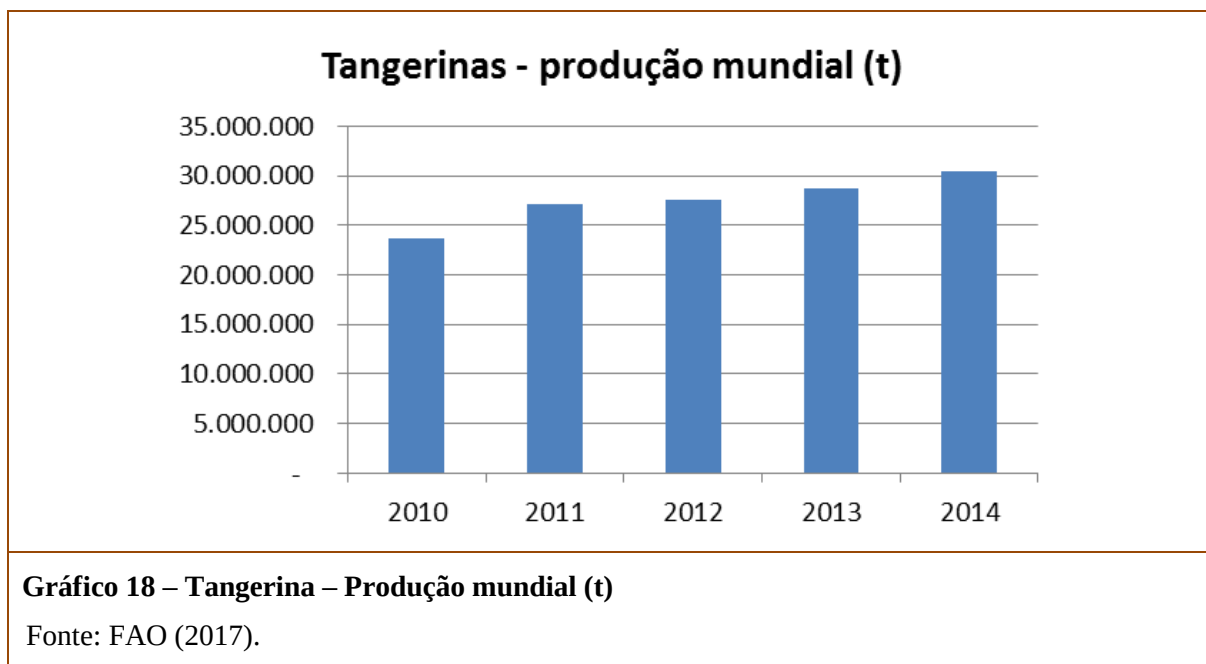
Quanto às tangerinas, constituem o segundo grupo de frutas cítricas mais importantes na citricultura mundial. Ocupam, possivelmente, maior faixa de adaptação climática, uma vez que são plantas que toleram níveis altos e baixos de temperatura ambiental.

Assim como as laranjas são divididas em grupos, as tangerinas também são agrupadas da seguinte forma: satsumas, mexericas, clementinas, tangerinas comuns, além de híbridos, como os tangores (híbridos entre tangerina e laranja) e tangelos (híbridos entre tangerinas e pomelos). Dentro de cada grupo existem diferentes variedades. Entre as variedades mais cultivadas, destacam-se a Satsuma Okitsu, a Mexerica, a Ponkan, a Dancy e a Cravo, além dos híbridos Murcott e Lee (FIGUEIREDO, 1991⁶).

A produção mundial de tangerinas apresentou uma taxa de crescimento anual de 6,5% entre 2010 e 2014. Em 2014, a produção mundial foi de 33,8 milhões de toneladas, em 2,5 milhões de hectares colhidos (FAO, 2017).

⁵ SWINGLE, W.T.; REECE, P.C. The botany of citrus and its wild relatives. In: REUTHER, W.; WEBBER, H.J.; BATCHELOR, L.D. (Ed.). **The citrus industry**. Riverside: University of California, 1967. v.1, p.190-430.

⁶ FIGUEIREDO, J. O. de. Variedades copa de valor comercial. In: RODRIGUEZ, O. et al. **Citricultura brasileira**. 2. ed. Campinas, SP: Fundação Cargill, 1991. v. 1, p. 228-64.



Em 2014, a produtividade média mundial estava em torno de 13.323 quilos por hectare (FAO, 2017). A Ásia representava 71,7% da área em produção, com produtividade abaixo da média mundial, com 11.485 quilos por hectare. As Américas, com 8,3% da área colhida, apresentaram uma produtividade de 16.350 quilos por hectare, ou seja, cerca de 23% acima da média mundial. A América do Norte obteve a maior produtividade mundial, com 28.050 quilos por hectare, enquanto a América do Sul e a Central apresentaram produtividades médias de 15.251 e 14.606, respectivamente. Já a Europa, responsável por 6,5% da área em produção, obteve produtividade média de 20.165 quilos por hectare. A África e a Oceania, que representam, juntas, 5,5% da área colhida da fruta, em 2014 apresentaram produtividades médias de 19.836 e 20.399 quilos, respectivamente, por hectare (FAO, 2017).

Os cinco maiores produtores mundiais foram responsáveis por 65,1% da quantidade produzida no mundo. A China é o maior produtor, com 16,4 milhões de toneladas (48,6%) da produção mundial, em 1,56 milhões hectares (61,7% de área colhida), seguida, de longe, pela Espanha, com 2,38 milhões de toneladas, ou 7,1% da produção. Marrocos e Turquia seguem com participação entre 3,0% a 3,5% do total produzido no mundo. O Brasil é o quinto produtor mundial de tangerina, com 965,17 mil toneladas (2,9%), colhidas em 49,8 mil hectares, ou 2,0% da área em produção da fruta (FAO, 2017).

A exportação mundial de tangerina apresentou valor negociado de cerca de US\$ 4,6 milhões (FOB) em 2013, com taxa de crescimento anual de 6,9% entre 2010 e 2013. No mesmo período, a Ásia e a Oceania apresentaram os maiores crescimentos anuais, 18,2% e 15,5%,

respectivamente. As Américas e a África apresentaram crescimento cerca de 10% no valor negociado da fruta. A Europa obteve uma taxa de crescimento negativa, de 0,3% no período, com decréscimos de 0,8% entre 2011 e 2012, e de 2,1% entre 2012 e 2013.

Em 2013, a Europa participou com 42,2% do volume comercializado da fruta no mundo, com negócios de mais de 46,6% no valor de US\$ 2,16 milhões. A Ásia exportou mais de 1,8 milhão de toneladas de tangerina (38,7%), gerando mais de US\$ 1,59 milhão (34,3%). A África participou com 11,6% da quantidade exportada; enquanto as Américas exportaram apenas 6,7% do volume comercializado no mundo.

Para o mercado consumidor, as tangerinas são muito apreciadas por seu ótimo sabor, e procuradas por serem tão ricas em vitamina C, além de excelentes para serem consumidas como frutas de mesa, pois apresentam gomos que podem ser separados com facilidade uns dos outros, sem rompimento da membrana que os separa, nem derramamento de suco (KOLLER & SCHÄFFER, 2009⁷). Além de serem frutas saborosas e nutritivas, as tangerinas possibilitam que do suco, da casca e da polpa se preparem produtos de confeitaria e licores, havendo dezenas de receitas para preparo de bolos,ucas, doces e licores (KUHN et al., 2006⁸).

Quanto ao valor nutritivo, aproximadamente 70% a 80 % dos sólidos solúveis totais presentes nos frutos são constituídos por carboidratos, compreendidos por monossacarídeos (glicose e frutose), oligossacarídeos (sucrose) e polissacarídeos, como celulose, amido, hemicelulose e pectinas (DAVIES & ALBRIGO, 1994⁹).

As tangerinas, comparadas com as frutas de outras espécies, contêm pouca gordura (em geral menos de 0,3 g.100g⁻¹) e o teor de carboidratos pode variar de 10% a 14% (SARTORI et al., 2007¹⁰). Constituem, portanto, frutas pouco energéticas e que podem, a critério de recomendação médica, ser consumidas por pessoas que necessitam de dieta alimentar.

⁷ KOLLER, O.; SCHÄFFER, G. 2009. Origem da cultura da tangerineira, importância no mundo e no Brasil. In: KOLLER, O. L. (Org.) **Citricultura, Cultura de Tangerineiras: tecnologia de produção, pós-colheita e industrialização**. Porto Alegre: Editora Rígel, 2009. p. 13-24.

⁸ KUHN, I.B. et al. **Aproveitamento das frutas cítricas na alimentação**. 2ª ed. Porto Alegre. EMATER/RS-ASCAR, 2006. 67 p

⁹ DAVIES, F. S.; ALBRIGO, L. G. Citrus. Wallingford: CAB International, 1994.

¹⁰ SARTORI, I. A. et al. Efeito da poda, raleio de frutos e uso de fitorreguladores na produção de tangerinas (*Citrus deliciosa* Tenore) cv. Montenegrina. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 29, n. 1, p. 5-10, 2007.

Segundo o IBGE (2017), em 2014, o Brasil produziu 965 mil toneladas da fruta, em 49,8 mil hectares de área colhida, gerando cerca de R\$ 742,7 milhões. Nos anos de 2015 e 2016, registraram-se aumentos de 3,7% e 3,4% na produção em relação ao volume produzido em 2014. Assim, em 2016, a quantidade produzida foi de 997,9 mil toneladas em 49,2 mil hectares de área colhida, com retorno de R\$ 959,6 mil.

Em 2016, os quatro principais estados produtores foram: São Paulo, com 353,9 mil toneladas, representando 35,5% da produção nacional da fruta e 39,8% do valor negociado; Minas Gerais, com 21,2% da produção; Paraná, com 16,7%, e o Rio Grande do Sul, com 140,7 toneladas e 14,1% da quantidade produzida. O estado de Santa Catarina foi o oitavo estado produtor de tangerina, com 12,2 mil toneladas produzidas, representando 1,2% do volume total e 1,4% do valor da produção brasileira.

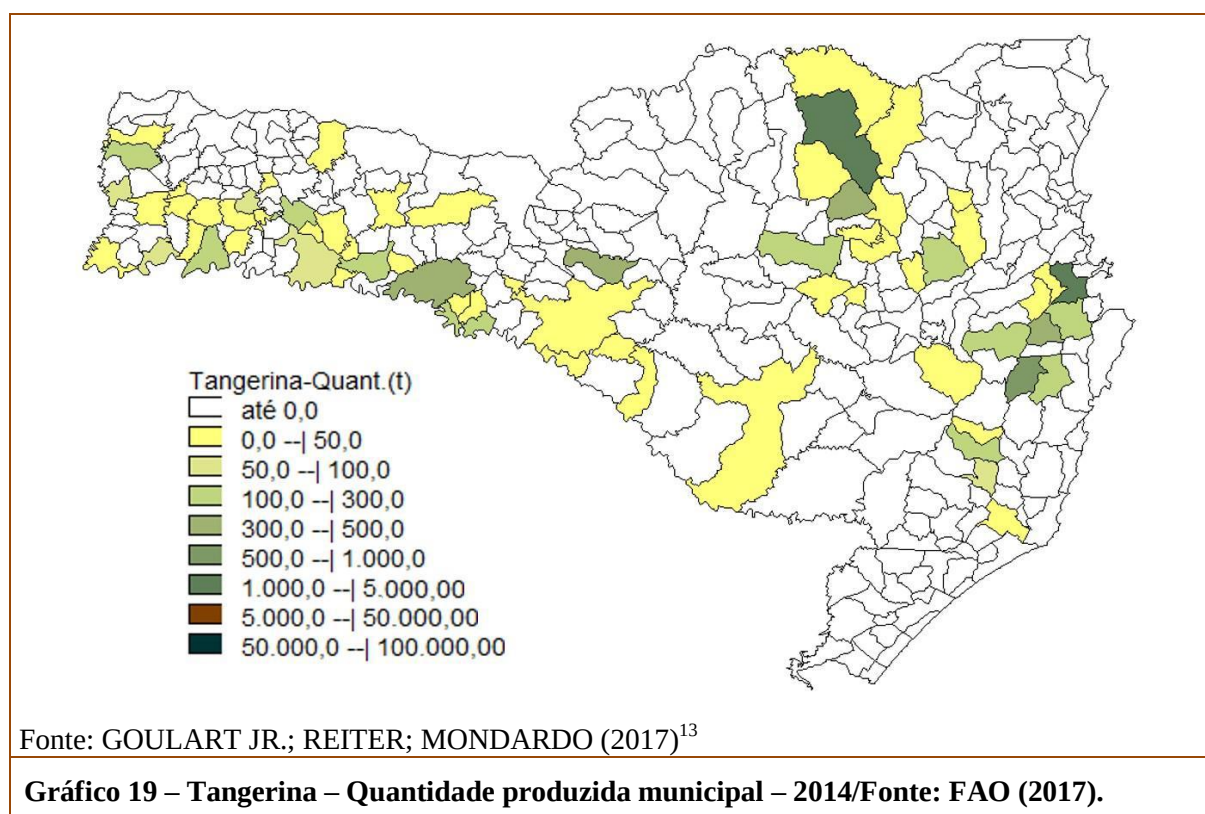
Segundo Goulart Jr., Reiter e Mondardo (2017)¹¹, na safra 2014/2015, a produção catarinense de tangerina representou 0,6% da produção e da participação no VBP da fruticultura catarinense. Da cultura, participam 526 produtores, distribuídos em 70 municípios catarinenses, com 1,5 mil hectares de área colhida e quantidade produzida de 8,2 mil toneladas, gerando mais de R\$ 6,56 milhões do valor bruto da produção (VBP).

A Mesorregião Grande Florianópolis é a maior produtora de tangerina, com 32% do total produzido em Santa Catarina, e 39% do VBP da fruta, mas apresenta redução na participação regional, com expansão para o norte e o oeste catarinense. A produção de tangerinas, na Mesorregião do Oeste Catarinense, representa 29% da produção, com retorno de 33% no VBP da fruta no estado. No oeste catarinense, houve concentração na participação tanto da produção como no valor bruto para a fruta (GOULART JR.; REITER; MONDARDO, 2016¹²).

Já a Mesorregião Norte Catarinense ampliou a produção de tangerina para 25% do total da fruta, com redução no valor bruto da produção para 13% do total do setor, com foco em produtos processados. O Vale do Itajaí foi responsável por 10% da produção e por 11% do VBP de tangerina no estado, mas a tendência é de redução da atividade, com expansão para as Mesorregiões Oeste e Norte Catarinense.

¹¹ Goulart Jr., R.; Reiter, J.M.W.; Mondardo, M. **Relatório sobre a Fruticultura Catarinense**: Fruticultura em números - safra 2014/15. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2017 (Série Documentos, nº 271).

¹² _____; _____. Panorama da Fruticultura Catarinense: levantamento de dados para a safra 2014/15. In: **X Encontro de Economia Catarinense**, 2016, Blumenau: FURB e APEC, 12 a 13 de maio de 2016. Disponível em: <<http://apec.pro.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2016.



Os dez principais municípios produtores são: Itaipópolis, com quantidade produzida de 1,9 mil toneladas e 35 produtores; Tijucas, com 1,2 mil toneladas e 48 produtores; Águas Mornas, com 616 toneladas e 15 produtores; Antônio Carlos, com 360 toneladas e 10 produtores; Concórdia e Tangará, ambas com 350 toneladas, e um total de 31 produtores; Vitor Meireles e Coronel Freitas, com cerca de 300 toneladas e 62 produtores; Rio Fortuna e Apiúna, com mais de 210 toneladas e 20 produtores em cada município.

O preço médio anual deflacionado da tangerina, no entreposto catarinense, está em R\$ 1,96/kg no período de janeiro a setembro de 2017, com valorização média de 13,8% em relação ao mesmo período de 2016. A quantidade mensal média comercializada, entre janeiro e setembro de 2017, apresentou aumento de 7,0% sobre o volume de 2016 e diminuição de 16,7% em relação ao de 2015.

No 1º semestre de 2017, a cotação média deflacionada, de R\$ 2,05, estava 19,5% valorizada em relação ao ano anterior, com 1,1% a menos em quantidade comercializada. Em 2016, o preço médio semestral, de R\$ 1,72, estava valorizado em 20,1%, com cerca de 3,6% de redução no volume disponível em relação ao do período de 2015. No 3º trimestre de 2017, o

¹³ Goulart Jr., R.; Reiter, J.M.W.; Mondardo, M. **Relatório sobre a Fruticultura Catarinense:** Fruticultura em números - safra 2014/15. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2017 (Série Documentos nº 271).

preço médio deflacionado da tangerina ficou em R\$ 1,78, cerca de 2,4% maior que o de 2016, pois os volumes estavam 16,5% maiores que os do ano anterior. No 3º trimestre de 2016, a cotação média estava em R\$ 1,74/kg, em relação ao de 2015, com valorização de 18,2%, o que pode ser explicado pelo volume comercializado no entreposto, 36,4% menor.

A quantidade produzida na safra estadual, concentrada entre os meses de abril e agosto, pode ser explicada pelo aumento no volume comercializado nas centrais e pela redução nas cotações do mercado. Em 2016, da produção estadual - 7.198 toneladas -, cerca de 8,8% foram comercializados na unidade da Ceasa/SC de São José. Em 2017, acredita-se que 7,3% da produção anual já tenha sido transacionada no entreposto.

O volume comercializado no 1º semestre de 2017 apresentou redução de 1,1% em relação a 2016, com diminuição de 3,4% no valor negociado no mesmo período do ano anterior. Entre 2015 e 2016, houve redução de 3,6% no volume, mas, com aumento de 4,4% no valor negociado no primeiro semestre de 2015. Até agosto de 2017, a quantidade comercializada no entreposto catarinense foi de 7.788,5 toneladas, com mais de R\$ 15,2 milhões negociados. Em 2016, o volume comercializado foi de 8.305,7 toneladas, 24,4% a menos que o volume transacionado na central em 2015, com redução de R\$ 2,2 milhões. Em 2015, o volume foi o maior da série de dados analisados, com 10.983 toneladas comercializadas, gerando mais de R\$ 16,8 milhões em negócios.

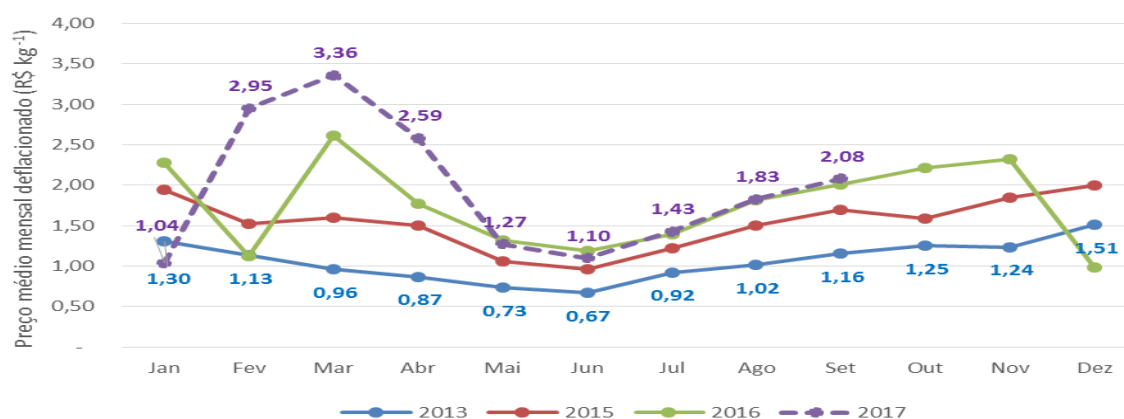


Gráfico 20 – Evolução mensal do preço médio (R\$ kg⁻¹) de tangerina na Ceasa/SC – 2013 a set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

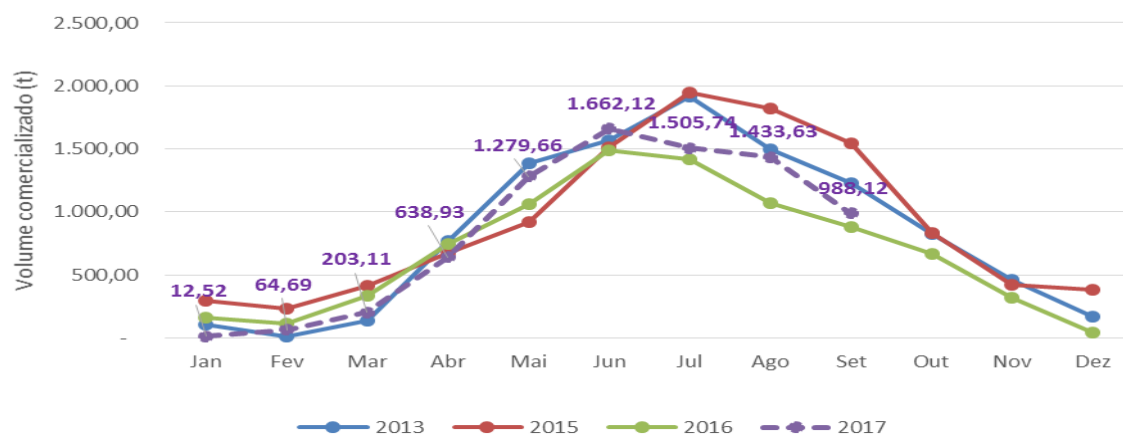


Gráfico 21 – Evolução mensal do volume (t) de tangerina comercializada na Ceasa/SC – 2013 e set. 2017

Fonte: Ceasa/SC.

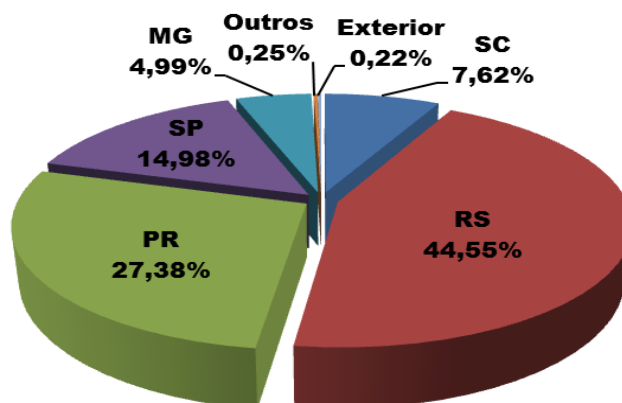
Em 2017, o volume catarinense comercializado representou 7,5% do total do entreposto, com 582,5 toneladas. Os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul representam as maiores participações na quantidade transacionada, com 2.938 e 2.778 toneladas, respectivamente. São Paulo participa com 1.004 toneladas; Minas Gerais, com 435 toneladas.

Os principais municípios catarinenses de origem da tangerina são: Águas Mornas, com 32,1% do volume catarinense e 2,6% do total comercializado na Ceasa/SC; Biguaçu, com 25,3% da quantidade estadual e 2,1% do total; Tijucas, com 10,2% do estado e 0,8% do total; Antônio Carlos, com 9,0% do estado e 0,7% do total; Santo Amaro da Imperatriz, com 7,6% do estado e 0,6% do volume total comercializado da fruta.

Com 32% da produção estadual de tangerina concentrada na Mesorregião Grande Florianópolis, onde se localiza a Ceasa/SC, outros 10% concentrados na Mesorregião Vale do Itajaí e 25% no norte catarinense, uma articulação entre os produtores pode disponibilizar mais de 5.200 toneladas (66% da produção) para serem comercializadas na central de abastecimento. Talvez uma parte já esteja sendo transacionada na unidade da Ceasa/SC, em Blumenau.

No período de produção da fruta no estado, porém, há uma forte demanda e uma baixa participação (8%) do total produzido no volume comercializado na unidade de São José. Assim, é de se prever que produtores e distribuidores da fruta possam traçar estratégias para que uma maior quantidade de tangerina seja comercializada no entreposto, com preços competitivos e na qualidade exigida pelo mercado atacadista local.

Representação de origem do volume acumulado em 2016



Representação de origem do volume acumulado em 2017

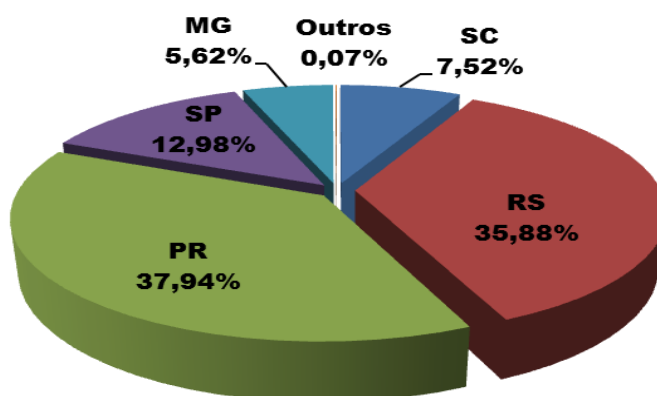


Gráfico 22 – Tangerina – volume anual de tangerina comercializado na Ceasa/SC – acumulado de 2016 a set. 2017.

Fonte: Ceasa/SC

Representação de origem do volume de Set/2017

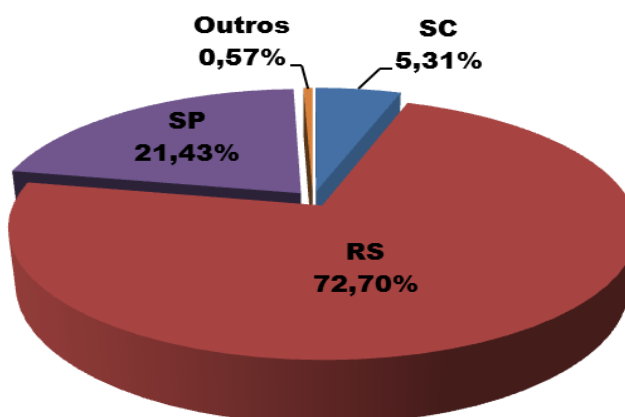


Gráfico 23 – Origem do volume ofertado de tangerina comercializado no atacado da Ceasa/SC em set/2017

Fonte: Ceasa/SC.

Para maiores informações entrar em contato com:

Ceasa/SC
www.ceasa.sc.gov.br
(48) 3378-1700

André Martins de Medeiros – Engenheiro-Agrônomo – Ceasa/SC
Email: andre@ceasa.sc.gov.br
Telefone: (48) 3378-1707

Epagri/Cepa
www.epagri.sc.gov.br
(48) 3665-5078

Rogério Goulart Junior – Economista, Dr. – Epagri/Cepa
Email: rogeriojunior@epagri.sc.gov.br
Tel.: (48) 3665-5448



Apoio: Associação dos Usuários Permanentes da Ceasa/SC